

DO CUIDADO DE SI AO CUIDADO NA TEORIA FEMINISTA

FROM CARE OF THE SELF TO FEMINIST CARE THEORY

DEL CUIDADO DE SÍ AL CUIDADO EN LA TEORÍA FEMINISTA

Nélio Lustosa Santos Júnior¹

RESUMO: Este artigo analisa a noção de cuidado a partir de três abordagens contemporâneas de estatuto filosófico, ético-moral e crítico. A primeira delas, oriunda de Michel Foucault, está circunscrita à noção de cuidado de si. Além desta, são abordadas duas perspectivas feministas sobre o tema, a ética do cuidado articulada em torno da noção de “voz diferente” de Carol Gilligan e a teoria da reprodução social situada no debate feminista de autoras como Tithi Bhattacharya, Cinzia Arruzza e Nancy Fraser. Cada uma dessas perspectivas capta uma dimensão fundamental do cuidado: o cuidado de si consiste em uma postura ativa de um sujeito ético-político que exerce uma prática que se estende por toda a vida; a ética do cuidado evidencia os limites da moralidade tradicional, enfatizando a interdependência humana e uma ética centrada no cuidado e na responsabilidade; e, por fim, a teoria da reprodução social sistematiza o cuidado no âmbito das estruturas capitalistas, destacando o trabalho reprodutivo como essencial para a sustentação da ordem social e como um dos eixos centrais da crise política contemporânea.

1

Palavras-chave: Cuidado de si. Ética do cuidado. Reprodução social.

ABSTRACT: This paper analyzes the notion of care through three contemporary philosophical, moral-ethical, and critical approaches. The first, drawn from Michel Foucault, is centered on the concept of care of the self. In addition, two feminist perspectives are addressed: the ethics of care, articulated through Carol Gilligan’s notion of the “different voice,” and social reproduction theory situated within feminist debates by authors such as Tithi Bhattacharya, Cinzia Arruzza, and Nancy Fraser. Each of these approaches captures a distinct dimension of care. In Foucault’s account, care of the self consists in an active ethical posture through which the subject engages in lifelong practices of self-formation. The ethics of care, by contrast, exposes the limitations of traditional moral frameworks by foregrounding human interdependence and an orientation toward responsibility and relationality. Finally, social reproduction theory situates care within the structural dynamics of capitalism, highlighting reproductive labor as indispensable to the maintenance of social life and as a central axis of contemporary political crisis. Taken together, these perspectives provide a multidimensional account of care, encompassing its ethical, relational, and structural dimensions.

Keywords: Care of the self. Ethics of care. Social reproduction.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí.

RESUMEN: Este artículo analiza la noción de cuidado a partir de tres enfoques contemporáneos de estatuto filosófico, ético-moral y crítico. El primero de ellos, procedente de Michel Foucault, está circunscrito a la noción de cuidado de sí. Además, se abordan dos perspectivas feministas sobre el tema, la ética del cuidado articulada en torno a la noción de “voz diferente” de Carol Gilligan y la teoría de la reproducción social situada en el debate feminista de autoras como Tithi Bhattacharya, Cinzia Arruzza y Nancy Fraser. Cada una de estas perspectivas capta una dimensión fundamental del cuidado: el cuidado de sí consiste en una postura activa de un sujeto ético-político que ejerce una práctica que se extiende a lo largo de toda la vida; la ética del cuidado pone de relieve los límites de la moralidad tradicional, enfatizando la interdependencia humana y una ética centrada en el cuidado y la responsabilidad; y, por último, la teoría de la reproducción social sistematiza el cuidado en el ámbito de las estructuras capitalistas, destacando el trabajo reproductivo como esencial para la sustentación del orden social y como uno de los ejes centrales de la crisis política contemporánea.

Palabras clave: Cuidado de sí. Ética del cuidado. Reproducción social.

INTRODUÇÃO

A noção de cuidado assume diferentes configurações ao longo da história, variando conforme os contextos sociais e os enquadramentos teóricos que a mobilizam. De modo geral, ela pode ser compreendida como uma dimensão constitutiva das práticas que organizam a vida social, abrangendo tanto a manutenção quanto a reprodução das condições de existência. Nesse sentido, o cuidado refere-se a um conjunto de práticas orientadas ao outro e a si, remetendo a formas de atenção, responsabilidade e engajamento nas relações sociais.

O cuidado é também um dos temas mais discutidos pela teoria feminista, ao menos desde 1982, quando foi publicada a obra *Uma voz diferente*, da psicóloga estadunidense Carol Gilligan. De modo geral, a obra trata-se de uma crítica às teorias tradicionais do desenvolvimento moral, como a de Lawrence Kohlberg. Segundo Gilligan, as teorias tradicionais da moralidade apresentam e dão validade apenas às percepções associadas à experiência moral masculina (voz padrão da moralidade), negligenciando a experiência moral das mulheres (voz diferente). Apesar das objeções direcionadas à obra de Gilligan, ela foi responsável por inaugurar uma fecunda discussão sobre uma ética feminista do cuidado, com desdobramentos que se estendem até a teoria da reprodução social.

Em *História da noção de cuidado* (1995), Warren T. Reich colocou como propósito discutir alguns destaques da história do cuidado antes do advento do pensamento feminista na década de 80. Nesse ensaio, ele ressalta que uma das características marcantes da literatura sobre o cuidado é que “[...] ela praticamente não deu atenção à história da noção de cuidado antes de 1982. Entretanto, encontra-se nessa história uma ampla gama de significados e modelos que iluminam e desafiam a emergente ética do cuidado” (Reich, 1995, p. 319).

Nesse contexto, emerge a questão norteadora deste artigo: a noção de cuidado de si tal como aparece na interpretação de Foucault contribui de algum modo para as abordagens feministas do cuidado? Para responder essa questão, é imprescindível apontar algumas contribuições de cada uma dessas perspectivas para o debate contemporâneo sobre o cuidado. O objetivo do estudo, portanto, consiste em discutir três abordagens sobre o cuidado, sendo a primeira delas oriunda de Michel Foucault, circunscrita em torno da noção de cuidado de si. Além desta, serão abordadas ainda duas perspectivas feministas sobre o cuidado, que são: a ética do cuidado e a teoria da reprodução social. As principais referências serão respectivamente: *A hermenêutica do sujeito* (Michel Foucault), *Uma voz diferente* (Carol Gilligan) e *Teoria da reprodução social* (Tithi Bhattacharya). Em última instância, com essa discussão se pretende estabelecer uma interlocução fecunda entre essas perspectivas relativamente distintas.

1. O cuidado de si em Michel Foucault

O debate sobre o cuidado de si ganha destaque nas obras tardias de Michel Foucault, sobretudo no terceiro volume de *História da Sexualidade* (1984), cujo subtítulo é justamente “o cuidado de si”, tratando de aspectos da subjetividade articulados anteriormente em *A hermenêutica do sujeito* (1982), obra oriunda de um curso ministrado pelo filósofo francês no *Collège de France*. Neste curso, ele ressalta a necessidade de retomar alguns aspectos do pensamento antigo, em particular, uma noção de cuidado de si pertinente para compreender as relações entre sujeito e verdade, e que foi relativamente esquecida na história da filosofia ocidental.

Inicialmente, pode-se compreender o cuidado de si (*epiméleia heautoû*) como o ocupar-se de si mesmo, preocupar-se consigo (Foucault, 2006, p. 04). Trata-se, segundo Foucault, de uma antiga sentença e princípio que perdurou longamente durante a cultura greco-romana, remontando até mesmo aos escritos de Plutarco. Foucault destaca, a esse respeito, que o cuidado de si “[...] não cessou de constituir um princípio fundamental característico na filosofia ao longo de quase toda a cultura grega, helenística e romana” (Foucault, 2006, p. 12).

A retomada deste preceito do cuidado de si permite, na obra foucaultiana, repensar o modelo de sujeito e sociedade desenvolvidos e praticados na modernidade, uma vez que corresponde à atitude que o sujeito estabelece consigo mesmo a fim de alcançar a verdade acerca de si próprio. Nesse sentido, o cuidado de si é um exercício ético-espiritual, no qual o sujeito preocupa-se consigo por meio de práticas de si, que envolvem aprendizado e reflexão, autodeciframento, exame, exercício sobre si mesmo e transformação de si.

Para isso, é necessário que haja o retorno a si, ou a saída de um estado subjetivo de descuido de si, isto é, uma transformação na subjetividade. Esse vínculo entre subjetividade e *epiméleia heautoû* fica ainda mais evidente quando Foucault ressalta que “o cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (Foucault, 2006, p. 11).

Segundo Grabois (2011, p. 107), “a noção de *epiméleia heautoû* foi se ampliando e tomando diversos caminhos e significações, ao longo de mil anos [...], partindo da filosofia grega, passando pelo helenismo e chegando até a espiritualidade cristã”. A fim de discutir essas transformações na tradição ocidental, Foucault analisa três momentos históricos que vão desde o período socrático-platônico, passando pela idade de ouro do cuidado de si nos séculos I e II d.C. até os séculos IV e V d.C. A despeito desse longo intervalo histórico, Foucault destaca que “[...] ocupar-se consigo mesmo tornou-se, de modo geral, o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse, efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral” (Foucault, 2006, p. 12-13).

O período socrático-platônico é considerado o momento em que surgiu a noção de cuidado de si. Naquela ocasião, ela era uma atividade política, segundo a qual era necessário ocupar-se consigo mesmo, preocupar-se consigo, conhecer-se para conseguir cuidar do outro, governar cidades. Destacam-se aqui as ideias de Sócrates, Platão e Hipócrates. No que se refere às práticas de cuidado de si, Foucault aponta diversas técnicas que eram destinadas aos jovens e que exigiam concentração, tais como as de meditação, memorização do passado e exame de consciência (Foucault, 2006, p. 15).

Posterior ao momento socrático-platônico, Foucault analisa a idade de ouro para o cuidado de si (séculos I e II d.C.), que opera uma transformação importante nessa noção. Sobre isso, Foucault afirma: “parece que ocupar-se consigo não tem por finalidade última este objeto particular e privilegiado que é a cidade, pois, se se ocupa consigo agora, é por si mesmo e com finalidade em si mesmo” (Foucault, 2006, p. 103). Isto é, o cuidado de si passa a estar relacionado a uma prática de si e não mais ao conhecimento de si. Em última instância, passa a ser concebida como uma obrigação permanente que deve durar a vida toda, não estando vinculada a uma fase específica da vida, não sendo considerado nunca muito cedo, nem muito tarde para cuidar da própria alma (Foucault, 2006, p. 108).

Por sua vez, no momento cristão (séculos III e IV d.C.), o cuidado de si se relaciona à renúncia de si e não ao retorno a si, como na Antiguidade greco-romana. Nesse momento se

propõe o sacrifício, a renúncia de si em função de uma palavra dita por outro (Foucault, 2006, p. 395). O sujeito passa a ser guiado por meio da confissão cristã e de uma moralidade baseada na renúncia a si como forma de salvação. Segundo Boy (2008, p. 218), Foucault identificou na ruptura da pastoral cristã, que remonta a esse período, a constituição de um poder mais repressivo do que afirmativo. Esse período de uma ascética cristã contribuiu, de alguma forma, para a constituição de um sujeito moderno estabelecido pela norma e pela disciplina, que não tem no seu processo de constituição uma relação consigo mesmo, visto que as regras impedem que tal relação ocorra.

A partir desses momentos históricos, o cuidado de si pode ser associado, sinteticamente, com os exercícios de cuidar da própria alma, aprender a viver, ter a possibilidade e o dever de ocupar-se de si. Além disso, trata-se de uma prática ligada a um exercício da alma que comporta a possibilidade de trocas significativas com o outro e de um sistema de deveres recíprocos; uma prática que é, ao mesmo tempo, pessoal e social, e que consiste numa atitude para consigo, para com os outros, para com o mundo. Isto é, nas palavras de Foucault, o cuidado de si exige que se converta o olhar do exterior, dos outros, do mundo, para si mesmo, o que implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento (Foucault, 2006, p. 14).

Convém esclarecer que não se deve confundir a noção de cuidado de si com uma preocupação individualista do sujeito sobre si mesmo. Essa ressalva é importante tendo em vista que é comum associá-la a uma espécie de autocuidado egocêntrico, algo muito banalizado nos discursos *coach* e na literatura de autoajuda. Em sua leitura do momento socrático-platônico, o próprio Foucault afasta-se dessa compreensão, ao afirmar que o cuidado de si indica uma relação “[...] singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo, enfim, a ele mesmo” (Foucault, 2006, p. 71).

Candiotto (2010) ressalta ainda que o cuidado de si se relaciona diretamente com outra noção cara ao pensamento foucaultiano, que é a governamentalidade. Mais especificamente, esse conceito diz respeito a uma arte de como conduzir os outros e a nós mesmos. Deve-se reiterar que não se trata aqui de uma concepção passiva e conformista, visto que “o outro da condução deverá sempre ser considerado um sujeito de ações” (Candiotto, 2010, p. 161). Além disso, como tratado anteriormente, o cuidado de si é um “[...] princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de inquietude permanente no curso da existência” (Foucault, 2006, p. 11).

Ainda segundo Candiottto (2010), para exercer tal governamentalidade é preciso uma postura ativa, mas sem a pretensão de anular a liberdade daquele que é conduzido, pois o outro igualmente apresenta uma maneira singular de governar a si mesmo, e pode apresentar uma contraconduta, que corresponde a uma resistência ao poder e ao modo de governar pré-existente. Por fim, considerando que governar bem compreende agir sobre si mesmo, somente quem cuida adequadamente de si, encontra-se em condições plenas de cuidar dos outros.

2. Gênero e cuidado: uma perspectiva ética para a teoria feminista

Para tratar de uma ética do cuidado na teoria feminista, o ponto de partida fundamental é a obra seminal de Carol Gilligan *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development* (1982)². Nessa obra, a psicóloga estadunidense almeja expor as fragilidades das teorias tradicionais do desenvolvimento moral, como a de Lawrence Kohlberg, criticando a ausência da experiência moral das mulheres nessas abordagens. A esse respeito, ela afirma:

Quando escrevi esse livro, tomei consciência de um problema inerente à teoria psicológica, que era em parte um problema metodológico (a exclusão das mulheres e das pessoas de cor do campo dos estudos sobre desenvolvimento moral) e, em parte um problema teórico (o valor dado à autonomia e à racionalidade) que se tornaram critérios de desenvolvimento (Gilligan, 2011, p. 37).

Segundo Gilligan (1982), a ideia de uma voz remete a duas perspectivas de desenvolvimento moral, uma delas é a masculina, chamada de voz padrão da moralidade, segundo a qual as decisões morais são baseadas em noções de justiça, no respeito a direitos individuais e a normas universais; enquanto a outra é a perspectiva feminina, geralmente associada às mulheres, denominada pela psicóloga como a voz diferente da moralidade, que aponta para um modo diverso de falar sobre problemas morais, baseado na experiência da conexão com o outro, da qual resulta a atribuição de prioridade à manutenção de relacionamentos baseados em cuidado.

A teoria de Gilligan tem como hipótese central a ideia de que “o modo como as pessoas falam de suas vidas é significativo; a linguagem que utilizam e as conexões que fazem revelam o mundo que elas veem e no qual atuam” (Gilligan, 1982, p. 12). Nota-se que há aqui uma vinculação entre identidade e percepção moral, ou seja, o modo como as pessoas veem a si mesmas influencia a maneira como elas percebem a moralidade. Por conta disso, boa parte do

² Antes dessa obra, Carol Gilligan já havia publicado *In a Different Voice: Women's Conceptions of Self and of Morality* (1977). Apesar de complementares e com propostas similares, esta não ganhou tanta repercussão quanto sua obra de 1982.

material relevante da obra de Gilligan é baseado na escuta e em entrevistas. Sobre esse aspecto, Lyons (1983) afirma que

Gilligan sugeriu que concepções de *self* e moralidade podem estar intrinsecamente ligadas. Em suma, Gilligan levantou a hipótese de que (I) existem dois modos distintos de julgamento moral — justiça e cuidado — no pensamento de homens e mulheres; (II) que estes são relacionados ao gênero; e (III) que modos de julgamento moral podem estar relacionados a modos de autodefinição (Lyons, 1983, p. 127).

Sendo assim, falar de ética do cuidado nos termos de uma voz diferente consiste em enfatizar um tipo de experiência moral que não é tematizada nas teorias morais tradicionais, que é das mulheres. A voz é considerada diferente porque não se encaixa no modo hegemônico masculino que domina a produção de conhecimento e as análises clássicas. Essas vozes, contra-hegemônicas e diferentes, denotam duas maneiras de falar sobre a moralidade e perceber a realidade das relações e interações intersubjetivas.

Essa perspectiva dialoga com outra importante epistemologia feminista, em particular, a noção de saberes localizados de Donna Haraway. Conforme Haraway (1995), os saberes localizados partem da denúncia de que o que se concebe como objetivo, neutro e imparcial, quando analisado criticamente, acaba se revelando um mecanismo de rechaço aos conhecimentos situados de grupos socialmente marginalizados. Haraway utiliza uma analogia bastante conhecida, segundo a qual, assim como uma fotografia não traz a representação universal do mundo, mas sim uma visão localizada, a epistemologia é um saber localizado dentro de uma certa situação. A ética do cuidado de Gilligan, similarmente, procura ressaltar a experiência e a percepção moral dentro da situacionalidade do “ser mulher” e, mais especificamente, como essa experiência numa sociedade patriarcal impõe uma associação direta entre o cuidado e o feminino.

Historicamente, essa voz diferente foi silenciada e posta como inferior. Apesar de se referir à ideia de uma voz associada ao feminino, as teses de Gilligan permitem refletir além da perspectiva de gênero, sobretudo porque seu parâmetro metodológico-epistemológico é voltado para entender, em última instância, a experiência do contra-hegemônico e do outro subalternizado³. Inclusive, Gilligan explicita essa questão logo no início de sua obra: “a voz diferente que descrevo é caracterizada não por gênero, mas por tema. A sua associação com as mulheres é uma observação empírica, e é principalmente através das vozes das mulheres que eu traço seu desenvolvimento” (Gilligan, 1982, p. 12).

³ A esse respeito, Cf. Spivak (2010).

Posteriormente, Gilligan (2011) trouxe importantes acréscimos às suas teses, em particular, refletindo sobre os vínculos entre ser mulher e responsável pelo cuidado no contexto de uma sociedade patriarcal, que é marcada por expectativas sociais e hierarquias baseadas no gênero. Em outras palavras, como refletiu Heleieth Saffioti, a sociedade patriarcal reproduz incessantemente estereótipos, que operam como “[...] uma espécie de molde que pretende enquadrar a todos, independentemente das particularidades de cada um” (Saffioti, 1987, p. 37). O estereótipo divide e essencializa homens e mulheres a partir da atribuição de características supostamente determinadas pelo gênero. Nesse enquadramento, homens e mulheres não somente são hierarquizados, mas também homogeneizados dentro de seu próprio gênero, visto que se supõe os homens como sujeitos de racionalidade, enquanto as mulheres são vistas como seres sentimentais com uma vocação para o cuidado.

A ética do cuidado também pode ser compreendida como uma ética fundada na relação com o outro, como uma ética da resistência à injustiça (Gilligan, 2013). Trata-se de um modelo ético que é feminista por enfrentar o patriarcado, criticando as dicotomias habituais entre emoção e razão, que aprisionam e essencializam homens e mulheres. Essa reflexão de Gilligan leva em conta muitas das críticas que recebeu após a publicação de *Uma voz diferente*, sobretudo as que apontavam suas reflexões como essencialistas em relação ao “ser mulher”⁴. Visando enfrentar tal questão, posteriormente ela fez uma distinção importante entre uma ética feminina e uma ética feminista:

A ética feminina do cuidado se revela pelo que ela é: uma ética patriarcal que justifica o silêncio que as mulheres impõem a si mesmas e à sua subordinação em nome da bondade. [...] Resistindo ao patriarcado, uma ética feminista do cuidado resiste às dualidades e hierarquias de gênero (Gilligan, 2013, p. 44).

Por fim, um dos potenciais da ética do cuidado consiste em reposicionar o cuidado enquanto um preceito humano desassociado de gênero. Evidentemente, romper com esses papéis e hierarquias de gênero constitui uma tarefa complexa. Ainda assim, não se deve perder do horizonte a necessidade de uma ruptura com esse sistema, a fim de universalizar o exercício do cuidado. Em suma, não é impossível cogitar um mundo no qual os vínculos sociais de empatia, responsabilidade e afeto sejam imperativos da ação humana, ao invés de uma obrigação reservada ao feminino.

⁴ Uma das críticas mais conhecidas direcionadas à obra de Gilligan foi feita por Tronto (1987).

3. Reprodução social e cuidado: trabalho reprodutivo sob o capitalismo

Se a voz diferente de Gilligan forneceu inicialmente uma perspectiva ética para a teoria feminista, o que se chama hoje de teoria da reprodução social/estudos sobre a reprodução social foi responsável não somente por ampliar o debate inaugural da ética do cuidado, mas determinar de modo sistemático o papel do cuidado numa sociedade capitalista. Segundo Vogel (2022), inicialmente a perspectiva da reprodução social buscou enfrentar um problema antigo da teoria marxista do valor-trabalho, a saber: incluir uma compreensão sobre as formas não-remuneradas de trabalho e responder qual seria a base material da opressão das mulheres no capitalismo.

Para Bhattacharya (2017), a reprodução social se refere à variedade de trabalho despendida para “produzir” pessoas que sejam capazes de se inserir na sociedade como parte da totalidade sistêmica do capitalismo. Ela diz respeito, assim, à reprodução do conjunto da sociedade envolvendo todas as atividades necessárias para tal. Dessa forma, vai muito além da reprodução biológica, abarcando um conjunto amplo de atividades vitais para a criação de novas gerações. A esse respeito, Nancy Fraser forneceu uma definição que expõe bem o caráter expandido da reprodução social, qual seja:

Chamada de cuidado, trabalho afetivo ou subjetivação, essa atividade forma os sujeitos humanos do capitalismo, sustentando-os como seres naturais corporificados e, ao mesmo tempo, constituindo-os como seres sociais [...]. O trabalho de dar à luz e socializar os jovens é crucial nesse processo, assim como cuidar dos idosos, manter lares e membros da família, construir comunidades e sustentar os significados compartilhados, disposições afetivas e horizontes de valor que dão alicerce à cooperação social (Fraser, 2023, p. 48).

9

Um dos importantes avanços teóricos dos estudos sobre a reprodução social para a teoria feminista/marxista foi a constatação de uma contradição particular entre capital e trabalho, que se desdobra na relação entre o circuito imediato de produção/reprodução de mais-valor e a dinâmica de reprodução da própria força de trabalho, como parte do trabalho social ocupado majoritariamente por mulheres, que ficam responsáveis tanto pelo trabalho remunerado quanto pelo não-remunerado.

Essas reflexões da teoria da reprodução social revelaram uma outra frente de luta contra o capitalismo, tal como descrito pelas autoras do livro-manifesto *Feminismo para os 99%*: “o verdadeiro objetivo das lutas de reprodução social é estabelecer a primazia da produção de pessoas sobre a obtenção de lucro. Elas nunca foram apenas por pão. Por esse motivo, [...] encarnam e encorajam a luta por pão e rosas” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 110). Em outras palavras, para além do dito trabalho produtivo, existem outras atividades que também

são produtivas e igualmente necessárias para a reprodução social, embora estas não sejam remuneradas.

Ainda segundo estas autoras, “contrariamente ao entendimento tradicional, o que produz a classe na sociedade capitalista não são apenas as relações que diretamente exploram a ‘mão de obra’, mas também as relações que a geram e a repõem” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 54). Nesse sentido, a teoria da reprodução social não é apenas uma teoria feminista, mas uma renovação teórico-política de um modo de interpretar criticamente o capitalismo. Ela nos permite entender que a opressão da mulher é moldada e sustentada a partir dessa dinâmica entre reprodução da vida e produção de valor, relações que são mediadas e tensionadas pelo Estado.

Não por acaso, muito se debate na teoria crítica atual sobre o avanço do neoliberalismo e como ele impõe uma crise no âmbito da reprodução social, à medida que a destruição de direitos sociais e de políticas públicas repercutem na destruição dos pilares básicos da reprodução social. Incluem-se aqui os cortes nos orçamentos públicos, diminuição dos serviços ofertados pelo Estado para os mais pobres, ataques sistemáticos aos direitos sociais e políticas públicas voltadas para a educação e a saúde.⁵ Entretanto, não se deve considerar que estamos apenas vivendo num cenário de “terra arrasada”, tendo em vista que

A crise não é simplesmente uma época de sofrimento – menos ainda mero impasse na obtenção de lucros. É também, e fundamentalmente, um momento de despertar político e uma oportunidade de transformação social. Em tempos de crise, as massas críticas da população retiram seu apoio a quem detém o poder. Rejeitando a política conservadora, buscam novas ideias, organizações e alianças (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 47).

Essa crise remete a três formas de reprodução social: a reprodução biológica, a reprodução cotidiana e a reprodução das novas gerações mediante sua socialização. Segundo Arruzza (2013), considerar que o processo de valorização do capital necessita desse trabalho para sobreviver confere ao conceito um importante potencial explicativo para se compreender o capitalismo de uma forma mais ampla do que apenas um modo de produção meramente econômico.

Entretanto, ao separar a produção da reprodução, colocando a primeira como destinada ao trabalho remunerado dos homens e a segunda como designada às mulheres e sem remuneração, e hierarquizá-las, de forma a considerar a primeira como mais importante que a

⁵ Esse cenário é bastante familiar para países como o Brasil. Um exemplo claro disso foi a aprovação da Emenda Constitucional nº 95, aprovada em 2016 durante o governo de Michel Temer, que ficou conhecida popularmente como “teto de gastos”. Apresentada como uma proposta razoável e meramente “técnica” que visava combater os excessos no gasto público, hoje se sabe que seus frutos foram redução de investimentos públicos, limitação e cortes de programas sociais, defasagem da infraestrutura nacional e ampliação do sucateamento do Sistema Único de Saúde (SUS).

segunda, o cuidado passa a ser considerado uma atividade menor, e o cuidado com as pessoas como menos importante do que a produção de mercadorias. Essa divisão fictícia, na qual a reprodução é uma condição de existência da produção e da acumulação capitalista (Fraser; Jaeggi, 2020), está na base da dominação das mulheres nas sociedades capitalistas, tanto porque as mulheres foram destinadas às atividades de cuidar da família sem qualquer espécie de remuneração, seja porque as atividades por elas desempenhadas no âmbito da reprodução orientam a inserção no trabalho daquelas que necessitam do trabalho remunerado para garantir sua sobrevivência individual ou familiar.

Em parte, isso explica a concentração das mulheres em empregos de meio período; empregos por tempo determinado, que significam menor compromisso formal com as empresas; trabalhos informais e precarizados, sem acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários. Por outro lado, esse arranjo promoveu uma segmentação do mercado de trabalho, em que a elas foram reservadas às atividades que se assemelham aos trabalhos domésticos de cuidado, como de enfermagem, de atividades ligadas à educação, limpeza, alimentação e à indústria do vestuário.

É nesse contexto que muito tem se falado de uma crise da reprodução social, que diz respeito a uma totalidade muito maior do que a dos cuidados, afetando a reprodução de nossas sociabilidades. Trata-se, desse modo, de um processo em que a orientação para a acumulação ilimitada desestabiliza o próprio processo de reprodução social sobre o qual se apoia, ou, tal como defende Fraser (2024), trata-se do capitalismo comendo sua própria cauda. Além disso, embora as mulheres estejam acessando cada vez mais o mercado de trabalho, suas atividades continuam precárias, mal remuneradas e desvalorizadas, agravada pela sua subordinação vinculada à responsabilidade exclusiva pelo trabalho de cuidado não remunerado.

CONCLUSÃO

A partir das três abordagens discutidas neste artigo, o cuidado de si em Foucault, a ética do cuidado de Gilligan, e a teoria da reprodução social, torna-se evidente que cada uma delas contribui de maneira única para uma compreensão do conceito de cuidado, ao mesmo tempo que oferecem pontos de diálogo e complementaridade.

O cuidado de si, conforme apresentado por Michel Foucault, não se limita a uma prática introspectiva, mas se expande para uma ética da relação consigo mesmo e com os outros. Foucault reinterpreta a tradição greco-romana, destacando a relevância do cuidado de si não apenas como uma busca pessoal por autoconhecimento, mas como um fundamento para a

subjetivação que confere autonomia e liberdade aos sujeitos dentro de uma determinada sociedade.

Por outro lado, a ética do cuidado, conforme delineada por Carol Gilligan, critica as concepções tradicionais de moralidade baseadas na justiça e na racionalidade abstrata, propondo uma abordagem que valoriza as relações e a interdependência humana. A voz diferente não apenas revela a exclusão das mulheres das narrativas morais tradicionais, mas também propõe uma ética baseada no cuidado e na responsabilidade para com o outro, ressignificando o papel do cuidado nas relações humanas como um imperativo moral central, e não secundário.

A teoria da reprodução social, por sua vez, situa o cuidado dentro das dinâmicas estruturais do capitalismo, destacando como o trabalho reprodutivo, frequentemente invisibilizado e desvalorizado, é fundamental para a sustentação da ordem capitalista. Ao enfatizar a interseção entre gênero, trabalho e capitalismo, esta abordagem ilumina as formas como o cuidado é instrumentalizado e como ele se torna um campo de luta política e social. Aqui, o cuidado não é apenas uma prática pessoal ou moral, mas uma dimensão estrutural que necessita ser repensada para a promoção da justiça social.

Em suma, é possível afirmar que a noção foucaultiana de cuidado de si contribui para as abordagens feministas do cuidado em um sentido específico: não como uma teoria social do cuidado, mas como uma ética da subjetivação que fundamenta práticas críticas de si e dos outros. Nesse aspecto, o cuidado de si fornece uma gramática ético-política que pode ser mobilizada pelas teorias feministas para pensar formas de resistência e transformação das relações sociais. Contudo, essa contribuição permanece limitada pela ausência, em Foucault, de uma análise das condições materiais e estruturais do cuidado, lacuna que é precisamente enfrentada pelas abordagens da ética do cuidado e da teoria da reprodução social. Assim, a articulação entre essas perspectivas revela menos uma continuidade do que uma complementaridade teórica entre diferentes níveis de análise do cuidado.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia. **Dangerous liaisons: the marriages and divorces of marxism and feminism.** Londres: Merlin Press, 2013.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto.** Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

BHATTACHARYA, Tithi. Mapeando a teoria da reprodução social. In: BHATTACHARYA, Tithi (Org.). **Teoria da reprodução social: remapeamento de classe, recentralização da opressão.** São Paulo: Elefante, 2023. p. 17-44.

BOY, Tânia Cristina dos Santos. Estética da existência na formação do professor-artista. **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 11, p. 215-229, dez. 2008.

CANDIOTTO, Cesar. Ética e política em Michel Foucault. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 33, n. 2, p. 157-176, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRASER, Nancy. **Capitalismo canibal**: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. Tradução: Aline Scatola. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FRASER, Nancy. Crise do cuidado? Sobre as contradições socio-reprodutivas do capitalismo contemporâneo. In: BHATTACHARYA, Tithi (Org.). **Teoria da reprodução social**: remapeamento de classe, recentralização da opressão. Tradução: Juliana Penna. São Paulo: Elefante, 2023. p. 45-70.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. Tradução: Nathalie Bressiani. São Paulo: Boitempo, 2020.

GILLIGAN, Carol. Résister à l'injustice: une éthique féministe du care. In: GILLIGAN, Carol; HOCHSHILD, Arlie; TRONTO, Joan C. (Orgs.). **Contre l'indifférence des privilégiés**: à quoi sert le care. Paris: Payot, 2013. p. 35-68.

GILLIGAN, Carol. Une voix différente: un regard prospectif à partir du passé. In: LAUGIER, Sandra; PAPERMAN, Patricia (Eds.). **Le souci des autres: éthique et politique du care**. Tradução: Bruno Ambroise. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2011. p. 37-50.

13

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à fase adulta. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1982.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Sobre a articulação entre cuidado de si e cuidado dos outros no último Foucault: um recuo histórico à Antiguidade. **Ensaios filosóficos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 105-120, abr. 2011.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n. 5, p. 07-41, 1995.

LYONS, Nona Plessner. Two perspectives: on self, relationships, and morality. **Harvard Educational Review**, v. 53, n. 2, p. 125-145, 1983.

REICH, Warren Thomas. History of the notion of care. In: REICH, Warren Thomas (Ed.). **Encyclopedia of bioethics**. New York: Simon & Schuster Macmillan, 1995. p. 319-331.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRONTO, Joan C. Beyond gender difference to a theory of care. **Signs**, Chicago, v. 12, n. 4, p. 644-663, 1987.

VOGEL, Lise. **Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.